

Funaro prega novo modelo econômico

Prioridade para o mercado interno e fim de remessas volumosas

São Paulo — Vinculando os ajustes da economia interna a uma solução definitiva para o endividamento externo, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, afirmou ontem que, nas negociações com credores, o Brasil não vai mais aceitar modelos anteriores de geração de grandes superávits comerciais e transferências de volumosas somas de recursos "às custas de desorganizações do nosso mercado". O ministro acha que o Brasil pode e deve crescer a um ritmo menos intenso que os onze por cento deste ano, as importações precisam ser "absolutamente restritas" e as exportações compatíveis com as necessidades, antes, do atendimento do mercado interno, "dando fôlego e espaço para que o País cresça de forma organizada".

— Tudo isso está sendo conversado com os credores e, depois de um ano de

tentativas, estamos indo ao Clube de Paris com outra expectativa, com uma proposta nossa de remeter menos dinheiro para fora e trabalharmos sem o monitoramento do FMI — disse o ministro —, otimista quanto às negociações que se iniciam na próxima semana com os governos credores do Clube de Paris.

Segundo ele, o Brasil não tem nenhuma pressa em voltar a fazer superávits comerciais de mais de bilhão de dólares ao mês, "porque isso significa rearmarmos a situação anterior de transferir até 4,2 por cento do produto interno bruto para o exterior com o sacrifício da população". Para o ministro, "não vamos repetir o que fizemos nos últimos cinco anos, quando transferimos US\$ 57 bilhões e recebemos em créditos apenas US 19 bilhões. Esse modelo certamente não pode permitir o crescimento do País".

EBN



Funaro condena excessos de superávits

Funaro confirmou que o Fundo Monetário Internacional deu parecer favorável ao Brasil em relação ao ajustamento da economia com o Plano Cruzado, acrescentando que a entidade também aceitou se

submeter ao artigo quarto de seu estatuto, segundo o qual seus técnicos promoverão apenas uma visita de auditoria ao país-membro. Para o ministro, isso vai facilitar, daqui para frente, as negociações sobre divi-

da externa com todas as esferas de credores.

— O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, mostrou-se bastante irritado com os 2,46 pc de inflação medida para novembro pela Fundação Getúlio Vargas, dizendo que índices como esse não refletem a verdade dos preços no país e que só servem para aumentar a especulação em torno das taxas de juros. Por isso, prometeu para a próxima semana "mexer nessa situação, fazendo os juros descerem a níveis compatíveis com a verdadeira inflação brasileira".

Para o ministro, há um descompasso muito grande entre as taxas das LBC's (Letras do Banco Central), em torno de 120% ao ano, e os CDB's (Certificados de Depósito Bancário), na faixa de 180% ao ano. Ele não quis revelar, porém, de que forma o governo vai agir

para baratear o custo do dinheiro.

O ministro Dilson Funaro, lembrou que há muito pouco tempo o Departamento Internacional de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) divulgou um boletim mostrando que o brasileiro necessitava de 240 horas de trabalho para comprar a cesta básica de alimentos e que, em seu último boletim, baixou essa relação para 163 horas.

Com essa argumentação, Funaro rebateu as críticas do próprio Dieese que pediu o acionamento do "gatilho" salarial porque segundo os cálculos dessa instituição, a inflação brasileira já superou os 20 por cento desde o Plano Cruzado.

O ministro participou do almoço anual da Associação Brasileira de Indústria Eletro-Eletrônica, no Club Atlético Paulistano.